

A CRÍTICA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA CONTEMPORANEIDADE

Herasmo Braga¹

RESUMO

O presente texto versa sobre as contribuições da crítica literária contemporânea na formação de leitores produtivos. Entende-se por leitores produtivos aqueles que possam utilizar o conhecimento adquirido para uma formação qualitativa independente de ser do meio universitário ou não. Em que as produções literárias sejam vistas como trocas de experiências e instrumento de interação. Convidamos para os diálogos acerca destas questões João Cezar de Castro Rocha, Edmundo Wilson e Leyla Perrone-Moisés.

Palavras-chave: Crítica Literária – Formação de Leitores - Leitura

ABSTRACT

This text deals with the contributions of contemporary literary criticism in the formation of productive readers. Productive readers are those who can use the knowledge acquired for qualitative training regardless of whether they are from the university or not. In which literary productions are seen as exchanges of experiences and instruments of interaction. We invite to the dialogues about these issues João Cezar de Castro Rocha, Edmundo Wilson and Leyla Perrone-Moses.

Keywords: Literary Criticism - Reader Formation - Reading

I

Alguns motes para desenvolvimento de textos são bastante conhecidos e expressam mais que um lugar comum nas produções escritas. Para ilustrar, podemos, por exemplo, escrever sobre a falta de assunto, dizer que cada vez lemos menos, que o mundo está acelerado e, portanto, não temos mais tempo para nada, entre outros. No tocante ao universo literário, temos a interminável crise da literatura, que a produção literária contemporânea é péssima, por conseguinte, não temos maiores obras escritas no presente, e por aí vai. Diante destas verdades acríicas, de generalizações e de superficialidades, pretendemos analisar a contribuição, ou não, da crítica literária contemporânea na formação de leitores.

¹ Professor Adjunto II da Universidade Estadual do Piauí, Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, líder do grupo de pesquisa NENIN (Núcleo de Estudos em Neorregionalismo, Imaginário e Narratividade) e autor do livro *Neorregionalismo Brasileiro: análise de uma nova tendência da Literatura Brasileira*.

Umberto Eco, em algumas das suas conhecidas entrevistas, dizia, em relação às novas tecnologias, que elas iriam tornar os sujeitos inteligentes cada vez mais inteligentes, enquanto os ineptos, cada vez mais ineptos. A partir dessa fala sincera de Eco, ainda que exagerada, levantamos a seguinte questão: especificamente a leitura, no âmbito da literatura, os novos suportes ampliam as possibilidades e acessos aos grandes textos ou, de certo modo, acabam contribuindo para a extinção da leitura, da tradição literária e das ficcionais contemporâneas?

É inegável que o acesso aos textos da tradição literária e das produções contemporâneas é cada vez maior. Notório também o fato de que os leitores estão ficando mais escassos ou superficiais e, nesse sentido, quando se deparam com obras que exigem um pouco mais, o abandono da leitura é quase certo, e isso decorre sem qualquer temeridade ou mal-estar. Reconhecemos que essas questões são complexas e requerem profundo diálogo para se poder esmiuçar algumas possibilidades interpretativas sobre elas, todavia, alertamos que o nosso propósito no momento está mais voltado para a questão da crítica enquanto instrumento de formação e preparação de leitores, especialmente, de leitores produtivos.

II

Inicialmente, o que podemos mencionar, sem riscos, é que a chance do contato não valida a ação de leitura, os excessos disponibilizados, a fragilidade dos leitores diante dos novos desafios da tradição e da contemporaneidade, a falta de conhecimento razoável para poder se situacionalizar em determinadas leituras, tudo isso leva a uma precária formação e de dificuldades na ampliação de leitores. Então, como a crítica literária poderia contribuir na tentativa de suprir essa caminhada sem tantas orientações?

Dado importante do nosso presente consiste em sermos muito mais narcisistas e individualistas do que em qualquer outro momento histórico. Sendo assim, diante de tantas chamadas para tantas coisas, lançamo-nos ao menor esforço em tudo e almejamos o maior reconhecimento possível. Assim, não pretendemos exercer longos anos de estudos e renúncias para conquistarmos um *status* de intelectual. Basta a base de qualquer coisa para nos sentirmos diferenciados e, dessa maneira, querermos ser vistos. Isso tanto no espaço acadêmico como no social. O crítico João Cezar de Castro Rocha, quando se refere ao meio universitário, utiliza-se de uma expressão, a nosso ver, adequada a essa situação corriqueira: muitos querem ser vistos como intelectuais e, no máximo, o que conseguem ser são funcionários públicos de vocabulário especializado. Com efeito, no meio acadêmico, temos essa evidência, e no meio social, mais ainda.

Ao longo do tempo, vimos muitos se envolverem com a literatura guiados pela vaidade e “mistérios” que incidem sobre as expressões: escritores, poetas, contistas e críticos literários. Todavia, o desconhecimento da literatura já atua desde a sua não formação como leitor. Esse apedeutismo se torna nítido nos textos insossos, fruto de achismos e impressões, dos quais qualquer sujeito com o mínimo de racionalidade ou percepção teria acerca da vida e dos seus

acontecimentos. Não é de hoje que reconhecemos a literatura atuando como um laboratório de experiências de vidas, disponibilizado nas escrituras em prosa, em poesia. Também, que é através da literatura que acontece com maior agudeza a formação das nossas subjetividades e o alcance da alteridade.

A única questão, porém, é que diante de todas essas assertivas, tudo isso só será atingido pela vivência constante com a leitura dos textos literários, algo cada vez mais distante da prática do cotidiano dos sujeitos. Alguns podem até ter, por determinado momento, impulso ou certa manutenção, que ao longo dos anos poderá ficar rarefeito. Chega a ser ilógico, pois, se não temos leitores, como haveremos de ter autores? Destacamos isso associando o mesmo indivíduo que mal lê, como, então, pode escrever algo significativo?

Para exemplificar o tamanho do problema, propomos uma rápida passagem por onde essas dificuldades de leitura, de formação de leitores, não deveriam ocorrer, pois seria até incompatível com a própria existência institucional e social: os cursos de Letras. Quem convive nesse ambiente sabe, sem maiores esforços, como os discentes são relativamente distantes das leituras. Para não correremos o risco de fazer análises apenas da nossa localidade, tomemos mais uma vez o posicionamento do crítico e também professor João Cezar de Castro Rocha em *Por uma esquizofrenia produtiva (Da prática à leitura)*: “[...] os cursos de Letras é que abdicaram da tarefa mais importante: mostrar que a poesia, a literatura é uma autêntica experiência, tanto linguística quanto existencial (2008, p. 28)”. Essa realidade é quase generalizada.

Na graduação, os alunos focam muito mais em se associar e defender teorias (a mais modista), do que primeiro mergulhar nas páginas ficcionais para delas construírem ideias e percepções, que possivelmente iriam contribuir até mesmo na ampliação de discussão teórica. Isso corrobora inclusive o complemento do pensamento de Rocha (2008) sobre essas questões, quando nos indica: “(...) pensar uma história da literatura a partir da singularidade de cada texto (2008, p. 28)”. Interessante nesta óptica é que o óbvio acaba se constituindo um desafio.

III

Jean Paul Sartre, em *Qu'est-ce que la littérature?*², nos traz uma questão interessante e bastante conhecida. Descreve-nos ele:

Rappelons-nous que l' homme qui lit se dépouille en quelque sorte de sa personnalité empirique, échappe à ses ressentiments, à ses peurs, à ses convoitises pour se mettre au plus haut de sa liberté: cette liberté prend l'ouvrage littéraire pour fin absolue et, à travers lui l'humanité: elle se constitue en exigence inconditionné par rapport à elle-même, à l'auteur et aux lecteurs possibles. [...]³

2 O que é a literatura?

3 Lembremo-nos de que o homem que, de alguma forma, despreza sua personalidade empírica, escapa de seus sentimentos de ressentimento, de seus medos, de seus desejos de se colocar no auge de sua liberdade: essa liberdade leva o trabalho literário a um fim absoluto e, através dele humanidade: ele se constitui em exigência incondicionada em relação a si mesmo, ao autor e aos possíveis leitores.

Portanto, essa liberdade conquistada com o ato da leitura e, no caso, literária, que nos torna mais humanos, como destaca Sartre, deveria ser um dos maiores princípios e motivações para adentrarmos cada vez mais no mundo da leitura, e o que viria depois de todo esse aprofundamento seria bem mais bônus do que qualquer outro ônus que teríamos na jornada. Soma-se a isso o fato não retórico ou só jogo de efeito das produções literárias serem trocas de experiências, pois muito que apreendemos do mundo vem do diálogo e, portanto, da interação. Sendo assim, nas escrituras, as experiências de vida, de leitura, de contexto, de situações, estão presentes em cada linha, e nesta importante troca é que alcançamos sempre um patamar maior diante da vida e do que poderemos reter dela.

Edmund Wilson, outro grande crítico literário e que também aproxima a literatura da vida, ao analisar Yeates, em *Castelo de Axel* (estudos sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930), e mencionar os escritores e poetas *fin de siècle*, como Mallarmé e Walter Pater, apresenta essa importante questão:

[...] Pater afirma que a experiência nos dá, “não a verdade dos princípios eternos, estabelecidos de uma vez por todas, mas uma infinidade de finas gradações e condições sutilmente concatenadas, alterando-se intrincadamente à medida que nós próprios mudamos” (2004, p. 56).

Essa posição dinâmica e heraclíteia se acentua quando os diálogos com as grandes leituras nos são próximos e cotidianos. Tomando as acepções de Sartre e Wilson, podemos propor que independente das leituras ou não, o homem está em constante mudança, todavia, quando estamos associados às grandes leituras, esses diálogos nos qualificam não só do ponto de vista intelectual, mas sobretudo humano e de degustação, com mais sabor diante da vida, pois elas nos oferecem algo fundamental para nos elevar o espírito: os experimentos necessários para o despertar, corrigir, aprender e viver.

É conhecido o desprezo de Paul Valéry pelo leitor comum, como destaca Edmund Wilson: “Paul Valéry despreza inteiramente o gosto e a inteligência do leitor comum: em vez de consentir-lhe uma fácil vitória, ufana-se de ultrapassá-lo completamente (2004, p. 106)”. Essa posição de Valéry não se justifica, por tomá-la como uma atitude arrogante, inútil e desprezível. Por trás disso, pretendia que o leitor encarasse os desafios das grandes obras com motivação e não apenas fazer uma rápida assimilação interpretativa de obras que pouco ou nada contribuiriam para a sua formação intelectual.

Essa mesma postura também é destacada por Wilson ao analisar as “intenções” que Proust e Joyce teriam com os leitores. Diz-nos ele:

Como Proust, Joyce tem pouco respeito pela capacidade de atenção do leitor: sente-se, outrossim, no seu caso, tanto quanto no de Proust, que as *longueurs* que nos aniquilam, as combinações mecânicas de elementos que não chegam a amalgamar-se são, em parte, resultado do esforço de uma mente extraordinariamente vigorosa de compensar, pela acumulação de coisas, sua incapacidade de movimentá-las (2004, p. 216).

Superar os desafios desses questionamentos em relação à qualidade de leitura deve servir, como de fato esperam Valéry, Proust e Joyce, além de estímulos, para atentarmos para a devida valoração da linguagem, pois, devido à maneira como esses poetas e prosadores por excelência encaram o uso da linguagem, é de se esperar as nossas atitudes próximas em relação a ela, do contrário, de que valeria tanta dedicação, tanta renúncia?

Com efeito, é a partir dessa ação minoritária hoje que devemos agir, a começar de nós e também dos nossos usos enquanto leitores e críticos. É nesse diálogo em que nos amadurecemos diante da vida e nos suprimimos de aprendizagens necessárias, para que possamos experimentar a vida constantemente. Com essa atitude benéfica a nós mesmos, ainda teríamos a sintonização com os grandes pensamentos ao longo da nossa trajetória nos séculos. Shelley observa essas mesmas inquietações, ao asseverar que:

Existe, para cada homem, alguma cena, alguma aventura, algum quadro, que é a imagem de sua vida secreta, pois a sabedoria fala primeiro por imagens e [...] por tal imagem, contanto que ele medite sobre ela durante toda sua vida; contanto que conduza sua própria alma, desvencilhada de circunstâncias inexpressivas e do fluxo e refluxo do mundo, até aquela distante morada, onde os deuses imortais aguardam todas as almas que se tornaram simples como chamas e cujos corpos se tornaram serenos como uma lâmpada de ágata (Shelley *apud* Wilson, 2004, p. 65).

O homem não é formado apenas por palavras, as palavras não são apenas sons, o homem e as palavras são formados e atuam também pelas imagens. Ler as imagens requer do homem muito mais do que apenas o seu campo de visão. Ler as palavras, ler o mundo, ler as imagens, exige-se mais do sujeito, pois os símbolos não são apenas aparentes, as suas interpretações são mais articuladas, dialogadas e interagem simultaneamente com muitos outros tipos de conhecimento. Todavia, o primeiro passo para se amadurecer no processo de compreensão das imagens, de entendimento dos símbolos, um dos caminhos é pela leitura da palavra e dos seus entendimentos. Conhecer os traçados formulados sócio-histórico-cultural da humanidade, que ao contrário do que inocentemente se propaga, não são só discursos e menos ainda meras invenções para atender linhas dominadoras. Ao longo da história da humanidade, ao encaminhar-se no conhecimento das palavras, ao compreender as imagens e ler os símbolos, os homens efetivam o seu maior poder, que é o comunicativo, e nisso resultará em enormes descobertas, como a de si mesmo.

Castro Rocha retorna para o nosso diálogo quando diz que “O leitor é um sujeito que assimila um outro modo de ser, transformando-se no processo de assimilação, ampliando assim seu horizonte existencial” (2015, p. 41). Essa constituição de alteridades em que o leitor forma o indivíduo auxilia na compreensão das imagens, do mundo, das pessoas e, no caso dos textos ficcionais, completa-nos Castro Rocha: “A leitura de textos literários é o meio privilegiado para recuperar ritmos mais lentos de cognição, pois sua própria materialidade exige uma pausa em meio à vertigem do cotidiano globalizado” (2015, p. 43). Essa desaceleração nos retira também do automatismo do cotidiano em que as horas, dias, semanas e meses se passam sob a nossa

desatenção do olhar, com a nossa ausência da experimentação de vivências a nós apresentadas e não degustadas.

Tomemos também o crítico Edmund Wilson para reforçar a tese da relevância da leitura literária para a formação do sujeito, que oferece a ele condições de se diferenciar qualitativamente em um mundo repleto de superficialidades. Lê-se:

[...] é impossível dizer que certa espécie de obra literária sugere, enquanto outra prova ou enuncia. Toda obra literária, para atender ao seu propósito, deverá suscitar no leitor todo um complexo daquilo que estamos habituados a chamar de pensamentos, emoções e sensações – um estado de consciência, um estado mental; sua eficácia depende de uma teia de associações tão intrincada e, em última análise, tão misteriosa quanto nossa própria mente e corpo (2004, p. 242).

Nesse sentido, percebemos que as obras literárias têm diante de si um propósito mínimo, que é o de despertar pensamentos, emoções e sensações nos indivíduos, ampliar os seus horizontes de percepção, como mencionamos anteriormente. Todavia, para essa valoração acontecer, é preciso termos incentivadores que nos levem à literatura, porém, para que o entrave para essa condução seja adequado, espera-se o mínimo de preparo dos seus agentes, como críticos e professores e, infelizmente, nesse ponto consiste o nosso gargalo.

IV

Volta e meia nos deparamos com discussões anunciadoras e ratificadoras da perda de certa centralidade que a literatura teve no debate público e nos movimentos formativos dos cidadãos. Para ilustrar, tomemos, por exemplo, a obra *A ascensão do romance* (2010), de Ian Watt, na qual apresenta o papel fundamental do gênero romance como incentivador na criação de leitores, isto é, o gênero despertava o interesse nas pessoas para ser lido, e como muitos não tinham essa habilidade, principalmente nas camadas mais pobres, buscaram-se formas de instruções em escolas e outras instituições onde pudessem aprender a ler. Com isso, o número de cidadãos leitores na Inglaterra crescia como nunca, na segunda metade do século XVIII e durante o XIX. Nessa ênfase ao romance, Watt refere que:

A maioria das bibliotecas circulantes continha todo tipo de literatura, porém o romance constituía a principal atração e sem dúvida foi o gênero que mais contribuiu para ampliar o público leitor de ficção ao longo do século. Foi também a forma literária que suscitou o maior volume de comentários contemporâneos sobre a extensão da leitura às classes inferiores (2010, p. 45).

Essas questões servem para ilustrar como as obras literárias de fato exerceram importante contribuição social, e como mencionado, ao longo do tempo foram sendo deixadas

de lado, perdendo esse compromisso mais coletivo e social. Os fatores para isso são diversos, mas podemos apontar entre eles a nossa precariedade em importantes peças dessa engrenagem, já referidos: professores e críticos literários.

Retomamos ao meio acadêmico/universitário em que temos o encontro dos dois. Os alunos são apresentados a limitadas linhas teóricas e a elas doutrinados. Tomam uma obra literária, nesses termos, como objeto para justificar a teoria dogmatizada. Sai da universidade e leva para a sua atuação social esse repertório limitadíssimo do universo literário. O que podemos esperar, em termos construtivos, de um indivíduo, na sua gestão educacional, dentro de uma sala de aula da educação básica ou mesmo dentro de um cenário mais plural de um jornalismo cultural? Praticamente, as perdas para todos serão bem maiores do que qualquer bônus resultante da formação inicial precária.

Leyla Perrone-Moisés em *Mutações da literatura no século XXI* clareia um pouco em relação a essa questão:

A qualidade da produção literária não depende da crítica. Esta apenas examina o que lhe é oferecido pelos criadores. Entretanto, a qualidade dos leitores pode e deve ser levada pela crítica, evitando, na medida do possível, que a grande força do mercado os leve a consumir qualquer produto (2016, p. 64).

Portanto, o crítico deve funcionar ao mesmo tempo como uma espécie de filtro na seleção qualitativa das obras, e como incentivador para a formação e qualificação dos leitores. Sendo assim, o seu repertório deve ser vasto, além disso, precisa alcançar certa maturidade enquanto leitor, para não utilizar de maneira ingênua ou até mesmo nociva, elementos subjetivos de fragilidade analítica, baseados em critérios de gostos ou de proximidade com os autores das obras, ou até mesmo questões de mercado em que através de proventos eleva-se o nível de elogios e recomendações de determinadas obras.

Esse pensamento parece ser o mais sensato, no entanto, hoje ele poderá ser desaprovado e até mesmo criticado por estar, na visão de alguns “oprimidos” mal-informados, colocando em evidência nesta seleção qualificadora do crítico, a manutenção do poder de um pequeno grupo, ou a continuação da exclusão das obras dos menos favorecidos, ou então, todos têm as mesmas qualidades e cabe a cada um escolher o que melhor lhe convir, e por aí vai. Porém, nesse tipo de postura, perdemos todos, pois não ocorre uma democratização da cultura e sua expansão em todos os meios, e sim, a banalização e a precarização da literatura e, conseqüentemente, dos seus leitores.

É até óbvia a ideia de que antes da formação de um autor, de um crítico, de um professor, ocorre a de um leitor que irá se acepillar ao longo de toda a sua trajetória. Entretanto, na prática, nos deparamos com sujeitos autores, críticos e professores, sem a mínima formação enquanto leitores. Acreditam que com menos de meia dúzia de livros possam produzir literatura qualificada com os acréscimos de originalidade e traços de genialidade. Da mesma maneira, sabem selecionar devidamente e avaliar qualquer obra literária pelo seu autor, pela capa,

pelo lugar e tema que a produção literária se refere, como também, sabem ensinar através da desorientação, que segundo acreditam, formam a autonomia dos seus discentes.

Lucaks, em *Teoria do romance* (2000), nos diz: “O homem contemporâneo se assemelha a uma abelha, voando contra uma janela de vidro, enxergando o mundo do outro lado, mas incapaz de atravessá-lo”. Isso de fato indica-nos muito sobre o mundo labiríntico no qual nos deparamos cotidianamente. Aqueles que gozam de um pouco melhor compreensão ajudam os “perdidos e inquietos”. Percebemos assim a Literatura não como uma saída salvadora dos dilemas que nos cercam, mas significativo campo a auxiliar e fazer com que possamos pelos menos fissurar esse vidro da realidade que apenas vemos, e através dessas pequenas rachaduras sentir minimamente um pouco deste mundo que nos é apresentado e não compreendido, e muito menos vivido.

Todavia, necessitamos de sujeitos mais versados a nos causar algum despertar perceptivo das possibilidades de experienciar este mundo contemporâneo. Esses *experts* nas leituras, em tese, um deles deverá ser o crítico literário. Ao situar o crítico no século XIX, expõe-nos Iser em *O ato da leitura*: “No século XIX, ele tinha a importante função de mediar entre a obra e o público, à medida que interpretava o sentido da obra de arte para o seu público, como orientação para a vida” (1996, p. 27). Essa mediação é algo inerente a todo sujeito experiente em algo, deve proporcionar socialmente e intelectualmente, por exemplo, os que realizam ainda pequenos passos devido aos mais diversos motivos.

Assim, é preciso situacionalizar esse crítico literário em sua importância no século XIX. Nesse sentido, acrescenta Iser:

O crítico possuía no século XIX tal importância porque a literatura, enquanto peça central da religião, da arte dessa época, prometia soluções que não podiam ser oferecidas pelos sistemas religioso, sócio-político ou científico. Essa situação emprestava à literatura do século XIX uma extraordinária significação histórica (1996, p. 28).

Então, quais os motivos para esta perda de centralidade histórica que a literatura e o crítico perderam ao longo do tempo? Diversos são os motivos, mas destacamos a perda de leitores e de qualidade do crítico. Hoje, os críticos literários estão mais articulados para funções burocráticas dos meios universitários, i.e., para produção em série de artigos reprodutivos que já mencionamos, e para as esferas mencionadas por Bourdieu do campo literário, em que os fatores econômicos predominam sobre qualquer outra questão, seja de ordem estética ou formativa.

V

Nas tentativas da não *mea culpa* por parte dos professores universitários e dos jornalistas culturais, atribui-se a essa desqualificação a escassez de obras significativas nas últimas décadas. Isso é mito que se tornou realidade e contém muitos adeptos. A modernidade trouxe mais

desafios qualificadores aos leitores e, na contemporaneidade, isso não se perdeu. Há grandes obras sendo produzidas, todavia, não há formação de grandes leitores para elas. De ordem hegemônica, não conseguimos reconhecer como em outro momento Wolfgang Iser nos leva a pensar:

O valor da obra se determina pela harmonia de seus elementos; noutras palavras, quanto mais heterogêneos são eles a princípio e quanto mais difícil é inter-relacioná-los por causa de suas ambiguidades, tanto maior o valor estético da obra, desde que, por fim, suas partes se harmonizem (1996, p. 43).

Essa situação descreve bem as produções literárias não só da modernidade como as de ordem histórica contemporânea. Como desconsiderar as produções de Borges, Saramago, Mia Couto, Faulkner, Ingo Schulze como produções literárias de qualidade duvidosa? O que falta a muitos que assumem uma postura social e intelectual de responsabilidade na condução crítica da literatura é a experiência de leitura e de mundo necessárias para absorver todas essas infinitudes de efeitos proporcionados pelas obras atuais. Pois, como evidencia Iser na segunda parte das suas abordagens:

A necessidade de interpretação advém da estrutura peculiar à experiência interpessoal. Temos experiências dos outros à medida que conhecemos nosso comportamento e o dos outros. Mas não temos experiências de como os outros nos experimentam, ou seja, de que tipo de experiências que os outros adquirem em relação a nós (1996, p. 100).

Limitamos sobremaneira essas experiências. Lemos pouco, escrevemos menos ainda e produzimos praticamente nada. Nada é experimentado de maneira recíproca. Tudo paira sobre a mesmice e a superficialidade, e isso vai dando ressonâncias cada vez maiores e desqualificando ainda mais a literatura e os possíveis efeitos sociais, intelectuais e humanos que ela poderia proporcionar. Isso por conta dos mediadores estarem cada vez menos dotados destas funções. Os lugares vazios produzidos nas grandes obras literárias e com viés de enriquecer os ganhos da leitura e desenvolver as potencialidades da literatura, sem buscar doutrinações, acabam ficando inócuos, pois o seu preenchimento não ocorre por falta de experientes leitores na orientação dos caminhos formativos de novos e significativos leitores.

À pergunta: de que maneira os críticos contemporâneos têm contribuído para a formação de leitores produtivos, uma simples observação nas abordagens literárias em jornais, revistas, sites e nos bancos escolares respondem com facilidade. Todavia, a observação deste problema centra-se no envolvimento, na solução dele e isso que é o alarmante, pois o automatismo improdutivo, a indolência de todos os sujeitos relacionados a ela parecem não fazer nenhuma indignação na qual se possa projetar, mesmo a longa distância, alguma reação contrária a isso e nos proporcionar qualquer levante.

Ademais, o jogo de mercado e a retórica vazia da crítica contemporânea invalida qualquer especulação futura de mudança. O livro passa a ser cada vez mais apenas uma mercadoria de consumo material e não cognitivo. As feiras literárias poderiam auxiliar nesta volta à função do livro, no entanto, elas apenas funcionam como uma festa em que os autores se tornam celebridades e não sujeitos propositores de ideias que possam atrair e formar uma geração crítica leitora.

Diante de todos esses contextos mencionados e ideias abordadas, o que podemos lamentar é a nossa perda histórica de ter e fazer algo diferente. De devolver não como uma atitude hedonista a centralidade na qual a literatura em algum momento teve, mas de estabelecer ao menos a volta da qualificação do crítico literário com preocupações no sentido de estimular, potencializar a formação de significativos leitores produtivos.

REFERÊNCIAS

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, 1 v.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudo sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WILSON, Edmund. *O castelo de Axel: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Leituras desatualizadas: tempos precários, ensaios provisórios*. Chapecó, SC; Recife: UFPE, 2017.

_____. *Por uma esquizofrenia produtiva*. Chapecó, SC; Argos, 2015.